



Ex.º Sr.
2459—João Vieira da Cunha
Rua dos Combatentes da Grande Guerra Aveiro

O MUNDO DO VOUGA

(AVENÇADO)

Aqueles que combatem a Religião aprendam ao menos o que ela é, antes de a combaterem.
PASCAL.

ANO IV — N.º 173 = Aveiro, 21 de Abril de 1934
«CORREIO DO VOUGA» — SEMANÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA
COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ADMINISTRAÇÃO
«GRÁFICA DE COIMBRA», LARGO DA FEIRA — COIMBRA.

DIRECTORES:
Padre Allyrio Gomes de Mello, Prior de Vagos,
Dr. Querubim Guimarães

Proprietário e Editor — P.º Allyrio Gomes de Mello
Administrador — Dr. José Antunes
GRÁFICA DE COIMBRA — COIMBRA
REDACÇÃO — BAIRRO DA APRESENTAÇÃO — AVEIRO

Sê honrado sempre e ninguém pode nada contra ti.
GOETHE.

Homenagem a um sábio

A Universidade de Toulouse, que é na República Liberal Francesa, vai comemorar o 70.º aniversário natalício do mais célebre dos seus professores: o qual professor é considerado em todo o mundo científico pelas suas notabilíssimas descobertas no campo da Antropologia e da Prê-história.

Ora um dos números do programa dessas festas, de homenagem ao sábio eminente, é a publicação dum livro, que será colaborado por alguns dos mais reputados especialistas daquelas matérias: e entre eles... figuram o Doutor Mendes Correia... e nada menos de seis padres, todos mundialmente conhecidos por suas investigações naqueles domínios das ciências.

... Agora só nos resta acrescentar que o sábio homenageado é Henri de Begouen: e já esteve no Porto, cuja Universidade lhe conferiu o grau de Doutor: e é partidário decidido do evolucionismo no desenvolvimento da criação: e... (dá licença, senhor... não nos lembra agora o nome do Senhor Ilustre Anónimo!) e... ainda temos de acrescentar que esse sábio de tam formidável estatura intelectual é católico praticante, vigilante, militante e perseverante.

... Ora por que razão não há-de morrer com este sábio católico... o velho e vergonhoso preconceito de que a ciência é contrária à religião, ou a religião inimiga da ciência?!

O mundo com 7 fôlegos

Um dos nossos melhores diários inseriu esta extraordinária notícia:

O Presidente da República de S. Domingos presta homenagem ao Papa pela celebração do Ano Santo

O Presidente da República de S. Domingos, não querendo deixar encerrar o Ano Santo da Redenção sem manifestar ao Chefe da Igreja Católica a sua gratidão, como Chefe de Estado, pela generosidade paternal do Vigário de Cristo ao decretar a abertura de tão copiosas bênçãos e graças sobre toda a humanidade, enviou ao Santo Padre, em missão especial para esse efeito, uma representação diplomática presidida pelo Encarregado de Negócios do seu País junto do Vaticano.

O Santo Padre, recebendo essa impressionante e significativa homenagem, agradeceu-a e pediu ao Chefe da missão diplomática que fizesse sciente o Chefe da República de S. Domingos dos votos que S. Santidade fazia ao Céu pelas prosperidades do país, e da Bênção especial que enviava ao Presidente da República, Governo e a todos os fiéis da feliz nação.

... Mas então... depois disto... o mundo ainda não acabou? Pois então... tem sete fôlegos como os gatos, caramba!

O REINADO DA ASNEIRA

«Menti, menti» — disse o tal filósofo.
E de tanto mentir, já em realidade objectiva se transformou, tanta mentira...

Começou nos enciclopedistas — mais que mentira, a asneira.

Porque, se a Revolução Francesa fez correr menos sangue que a bolchevista, desta algo se aproveita — e da outra, mais que mentira, são páginas e páginas e páginas de asneiras, de asneira, a desaproveitar.

De resto, hoje, só os primários defendem *essa democracia*.
Ha lá palavra de menor cotação...

O individualismo e o liberalismo andam pela mesma.
Somos todos concordes — os da revolução marxista, descrentizadora, vermelha de crimes, rubra de erros — e nós, os da revolução espiritualista, os que pretendemos o reinado de Cristo na terra.

Mas Karl Marx, esse judeu alemão, ateou a luta de classes, a supremacia da unica classe dominadora: a proletária, o trabalho.

Erro, ou falando claro português: asneira.

A *Rerum novarum* veio lembrar a um mundo enlouquecido, vivendo a luta de classes para a dominação da materia, em plena orgia capitalista, na orla do canibalesco batuque da revolução proletaria — veio lembrar, *vox dei, vox populi*, que o operario tem uma alma — que o capital e a propriedade, se tem deveres — tem-nos e gravissimos! — também tem direitos.

Vivia-se realmente, aqui ha uma década, em pleno marasma da asneira imperante.

E deitando uma vista d'olhos dentro da nossa casa, basta ver as ideias fixas que se pretenderam immortalizar ácerca da nossa História — mais um monumento à mentira, à asneira.

E' mais linda que nenhuma outra, esta maravilhosa História de Portugal, toda ela milagres, grandes e belos.

Do milagre de Ourique ao de 1640 — de Aljubarrota — S. Nuno! — à ferida de morte da aza napoleónica — e passo em claro o milagre de renascença que estamos magnificamente vivendo! — tudo são milagres.

E quando eu era pequenino — quando eramos meninos os da nossa geração — nas escolas ensinava-se que tudo eram crimes de Reis e de Padres, beatos e fanáticos uns e outros — e embora parecesse que a Pátria nascera com o Governo Provisório e Guimarães era apenas apelido glorioso — salvava-se ainda uma pleiade de herois, de grandes e imortais figuras: a galeria liberal — um século glorioso, em nôve de ignominias...

Era assim.

Por isso, no meio de tanta asneira, neste lodaçal nivelador democrático e mediocre — eu me comprazi a ler ha semanas, um violento panfletista do Vouga, a defender com energia e vigor a obra aurifulgente da Companhia de Jesus.

Vivi tantos anos a ouvir maldizel-os — e que só era notavel e gloriosa, a da Associação do Registo Civil...

«*Revirginizemo-nos, revirginizemos os conceitos falsos em que estamos vivendo!*» — clamava ha dias um notavel catedrático portuguez.

Se vivemos na mentira e na asneira — porque não despir e queimar essas roupas velhas, rôtas, mareadas, purulentas?

Não conhecemos a Verdade?

Temos preconceitos, respeito humano, receios de sermos intolerantes?

Sejamos intolerantes! Tenhamos a coragem — que devia ser facil mas é tão difficil! — de sermos intolerantes para com a *mentira e asneira*.

Acabemos de vez com o reinado de uma e outra.
O reinado da asneira...

CONDE D'AURORA.

O excesso de modéstia é às vezes um excesso de orgulho.
CHÉNIER.

3 perguntas ácerca dos operários espanhóis

Vossas Excelências sabem quanto os operários espanhóis deixaram de ganhar, desde a proclamação da república, só pelos dias que deixaram de trabalhar, por motivo das grèves e revoluções?... *Duzentos e trinta e um milhões de pesetas!*

E sabem Vossas Excelências a quanto equivalem, em moeda portuguesa, aqueles 231 milhões de pesetas, que, por motivo de suas grèves e revoluções, deixaram de ganhar os operários espanhóis, desde a proclamação da república?... *Setecentos mil contos!*

E sabem Vossas Excelências a quanto monta a importância colossal dos haveres destruidos, (incêndios de conventos, museus, bibliotecas, igrejas, laboratórios, searas, fábricas, etc.), bem como a importância, ainda mais colossal, das vidas perdidas, (em tantos assaltos e atentados, grèves e revoluções, à bomba e à pistola, etc.), nessa colossalíssima república espanhola?... *Não tem conta, nem peso, nem medida!*

... Assim como não tem conto, nem peso, nem medida a pouca-vergonha daqueles que remastigam: — *Aquilo sim, que é república!*

Mais um foliar de Junqueiro

Um velho jornalista recordou há dias esta apreciação do velho poeta... sempre moço:

Na lei da Separação há mais do que asperezas. Há garras e colmilhos. E enquanto não lhos quebrem, não pode nem deve haver paz em Portugal.

... E' para os desmemoriados este esplêndido foliar!

Os seis mandamentos... da Igreja Bolchevística

Um jornal espanhol informa que na Rússia circulam clandestinamente seis mandamentos, que compõem o Código Intelectual Soviético... segundo Estaline: ei-los:

- I — Evitarás, acima de tudo, pensar.
- II — Se pensares, não divulgar os teu pensamento.
- III — Se o divulgares, que não seja por escrito.
- IV — Se escreveres, não publiques.
- V — Se publicares, procura que não divulguem os teus artigos.
- VI — Se os divulgarem, prepara imediatamente uma rectificação, onde te arrependas do que tivesses dito.

Quere dizer: *ou rôlha, ou garrote*. Por outras palavras ainda: *erê, ou morres!* Ainda por outros termos: — *Camarrada, és livre de pensar o que te der na ez-real gana, — mas livra-te de pensar coisa diversa do que eu penso!*

... Ou: *viva o livre pensamento, — mas morra... o pensamento livre!* — Não é isto tudo, e muito mais?

Nado-mortos em Portugal

O número de nado-mortos, no nosso país, foi: em 1930, — 8.116; em 1931, — 8.323; em 1932, — 8.579; e em 1933, — 8.395... para o que, além da ignorância e miséria de muitos pais e mães, deve ter contribuido em larga escala — o crime.

E, já que estamos com as mãos na massa, ilucidaremos que, em 1930, o excedente dos nascimentos sobre os óbitos, ainda no nosso país, foi de 79.145; no ano seguinte (1931) subiu para 81.727; no ano imediato desceu um pouco: 81.546 — para no ano passado baixar muito mais: 75.803.

... Digam lá os sábios da Escritura Que segredos são estes da natura!

Protestantes alemães a caminho da Igreja Católica?

Primeiro: — Alguns jornais anunciam que seiscientos sacerdotes protestantes alemães solicitaram do Episcopado e do Papa o seu ingresso na Igreja Católica Romana.

Segundo: — Consta que estão em Roma categorizados protestantes alemães a informarem-se das condições em que poderão ingressar na Igreja Católica Romana.

Terceiro: — Sabe-se positivamente que o catolicismo vai ser brevemente varrido da face da terra... e das fases da lua!

UMA CASA DO POVO NO BUNHEIRO

No domingo passado realison-se no Brunheiro, risonha povoação do concelho da Murtosa, uma sessão de propaganda do Estado Novo, explicando-se áquela honesta população rural o que eram as Casas do Povo, a sua significação e a sua utilidade.

O Bunheiro tinha mostrado desejos de organizar e instalar ali uma Casa de Povo e o brunheirense dedicado à sua terra, que é o sr. Victorino Tavares de Sousa, a quem toda a freguesia presta a maior consideração e envolve numa carinhosa estit.a, prestou-se a ser junto do ilustre Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, o sr. Dr. Afonso Abragão, o interprete zeloso desse desejo local.

Por isso, no domingo passado, dia marcado para a jornada, ali compareceu o sr. Dr. Abragão, acompanhado do digno Governador Civil do distrito, sr. Major Gaspar Ferreira e do director deste jornal, sr. Dr. Querubim Guimarães, na qualidade de Presidente da Comissão Distrital da União Nacional.

Muita gente esperava os visitantes, desejava de ouvir a palavra dos que lhe iam levar a semente da organização corporativa rural, tão bem representada nas Casas do Povo. Pena foi que a sala das sessões da Junta de Freguesia, onde se realison a reunião, fosse tão acanhada, pois, estando completamente cheia, não continha os ouvintes que se estendiam no largo fronteiro à Igreja.

Todos os presentes compreenderam bem a conveniencia de possuir um dia a freguesia a sua Casa, lar colectivo como com rara felicidade lhe chamou um dia o sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, digno Sub-Secretario de Estado da Previdencia e Corporações. Essa Casa, se já existisse, seria a própria para receber os hospedes de domingo e reunir os brunheirense em convivio fraterno.

Constituida a mesa, sob a presidencia do sr. Governador Civil, secretariado pelo Rev.º Pároco da freguesia, ainda novo na terra e na idade, mas compreendendo inteligentemente a utilidade das Casas do Povo, e dando à iniciativa local todo o entusiasmo da sua adesão, principiou o sr. Major Gaspar Ferreira por explicar o que ia ali fazer, ele e os seus companheiros, salientando que não se tratava duma jornada politica à antiga, em vespera de eleições, para pedir votos e fazer promessas, quasi nunca cumpridas, mas muito simplesmente para o Bunheiro ficar sabendo o que é uma Casa do Povo, para o que serve e como se constitue e para isso dava a palavra ao sr. Dr. Afonso Abragão, que é o funcionario competente para dar todas essas explicações e esclarecer o espirito dos ouvintes ácerca dessa nova instituição corporativa.

O sr. Dr. Abragão falou então, pondo em relevo, com a maior clareza e em palavras acessiveis

(Continua na 2.ª página)

Dois livros máus

Um é péssimo e intitula-se: **Quem é Cristo?** — e tem como autor um tal Senhor *Pedro Ocullo*.

Outro é pior que péssimo e tem por titulo: **S. Paulo**, e escreveu-o o poeta *Telxeira de Pascoais*.

... A propósito lembraremos que Guerra Junqueiro publicou uma vez em folheto quaisquer versos obscenos: e depois, arrependido do mal que havia feito, mandou inutilizar toda a edição, declarando com sinceridade... e coragem:

Aqueles versos não são meus, — são do alcool!

Índice... e índicezinho

A comissão dos estudantes de Berlim, promotora da «luta contra o espirito não alemão», elaborou uma lista dos escritores, cujas obras devem ser proibidas na Alemanha: entre os principais, contam-se Karl Marx, Bebel, Barbusse, Remarque, Renn e Lenine.

Isto é: os protestantes que tanto falaram contra o Índice da Igreja Católica... já tem agora o seu índicezinho, — e até já fizeram autos de fé a milhares de imoralissimos livros!

... Mas... onde parará o nauseabundo cadáver do nauseabundo Livre Exame?!

SAL E PIMENTA

DE COMO ELAS SE ARMAM
OU
QUEM CONTA UM CONTO...

Tragi-comédia em seis actos, em sete comadres, e um epílogo

1.º ACTO

Comadre Antónia: — Pois, como lhe ia a dizer, comadre, êle agora vai indo a melhor. Mas fraquinho, muito fraquinho, coitado! Se lhe parece! Ha três semanas sem comer raça de nada! E' só caldos e leite. Senão... lá se vai tudo por água abaixo!

Comadre Francisca: — Pobre ti Manel! Isso é que lhe ha-de custar a sofrer. Sim, porque, aqui p'ra nós, êle comia que nem um lóbo! Só se perdeu o apetite agora, lá com a doença.

Comadre Antónia: — Apetite?! Isso teve êle sempre! Olha quem! Só três dias depois de enterrado é que o perderá, talvez. Quere a comadre saber? E até se vai rir com o caso. Antes de ontem foi lá o médico, estava o meu doente a tomar uma malga de caldo. Mas aquilo, por enquanto, é só água. Nem um grãozinho de arroz sequer p'ra mostra! E vai o Sôr Doutor então e diz-lhe: — «Eh! lá, Manel, ha apetite, hein?» — Ah! Sôr Doutor, diz êle. Parece que tenho uma fome de cavallo! E pega o médico e diz-me muito sério: —

«O' Senhora Antónia, logo ha-de trazer uma faxa de palha ao-seu homem, e amanhã um feixe de erva». Ai, comadre, o que nós nos rimos! Até o meu doente, coitado, riu-se como um tolinho!

Comadre Francisca: — Erva e palha?! Aquele Sôr Doutor sempre tem coisas! Olha agora! Que as coma êle, mais quem o veste!

2.º ACTO

(quinze minutos depois)

Comadre Francisca: — Até lhe posso jurar, comadre! Eu não torne a ver os meus filhos, se ela me não disse isto! Eu seja cega de corpo e alma! Inda nem ha meia hora!

Comadre Aniceta: — Palha e erva! Essa agora, comadre, cá me custa a engulir! E o ti Manel não pôs logo o mafarrico dêsse doutor das dúzias pela porta fóra?! Ou lá a comadre mesmo, com São Pedro! Que dianho de mulher é ela? Nem que fosse a vassourada! Arre com a brincadeira!

Comadre Francisca: — Brincadeira, diz a comadre?! Mas é que aquilo acho que foi a sério. Pelo menos assim mo deu a entender a comadre Antónia. Pois que cuida! Isto agora, com estas medecinas novas, viraram tudo do avesso, os malditos!

Comadre Aniceta: — Pois, comadre, sempre lhe digo: nunca mais o tal médico me põe os pés da minha porta p'ra dentro! Tarre-nego, Brazabum! Que vá receitar erva e palha lá ao homem da mãe dele!

3.º ACTO

(catorze minutos depois)

Comadre Aniceta: — Não que uma assim! Sume-te, demónio, que me estás a tentar.

Comadre Ofélia: — Mas, ó comadre, isso será verdade?! Credo!

Comadre Aniceta: — Disse-mo agora mesmo, no lavadouro, a comadre Francisca, que não diz uma coisa por outra, acho eu!

Comadre Ofélia: — Ai lá isso não! Mulher séria sempre ela foi! Lá isso!

Comadre Aniceta: — Então até tens! E até me disse que, pelos modos, o pobre homem já começou a experimentar, a ver se pode acostumar-se...

Comadre Ofélia: — Credo! Anjo bento! Acostumar-se a quê, comadre?! Santíssimo Sacramento!

Comadre Aniceta: — Acostumar-se a quê?! Ao que o médico disse, mulher! A' tal palha e erva... de que lhe haviam de encher o bandulho, mas era a êle, ao tal doutor do inferno! Senhor me perdoe!

Comadre Ofélia: — Estou pasmada p'ra a vida e p'ra a morte! Não que uma destas! Ora vai-te! Até se me está a embrulhar o estômago, comadre!

4.º ACTO

(treze minutos depois)

Comadre Ofélia: — Mas é que é verdade! Pura verdade! E p'ra quê, vai perguntar à comadre

Aniceta. Foi ela que me contou! Agora mesmo! Ha um instantinho! Pois se ela até viu!

Comadre Felícia: — Viu?! Viu o quê, comadre?! Vossemecê sempre tem coisas!

Comadre Ofélia: — Viu, sim senhora, viu! Está visto que viu! Senão, não mo dizia! Ela não é mulher de contos.

Comadre Felícia: — Ai lá isso não é, coitada! E' até uma pobre mulher. Mas que viu ela, afinal, comadre?

Comadre Ofélia: — Que viu? Disse-mo ela: viu o ti Manel a tirar palha do enxergão e a roê-la. Ora ai tens!

Comadre Felícia: — O' comadre, que até se me está a arripiar o corpo todo! Olha que doença tam exquísita a do homem da tia Antónia! Sempre a gente vê coisas! Parece que estamos mas é no fim do mundo! O Senhor nos acuda! Eu nem me tenho em pé! Credo! Da idade em que estou, nunca assim ouvi!

5.º ACTO

(doze minutos depois)

Comadre Felícia: — Não vi, mas é como se visse! Disse-mo a comadre Ofélia, que é a verdade em pessoa, com os demónios!

Comadre Possidónia: — Ai lá isso é ela! Nunca foi lingua de soalheiros, não.

Comadre Felícia: — Pois então, pronto! Foi ela que mo disse, quando ia p'ra a fonte! E eu própria, com êstes dois que a terra ha-de comer, vi um dia dêsstes a tia Antónia trazer um colchão novo, da loja do Mendes.

Comadre Possidónia: — Um colchão novo?! P'ra quê, comadre?! A modos que não entendo.

Comadre Felícia: — Não entendes?! Essa agora! Pois olha que não ha nada mais simples. Se o homem, por ordem do médico, comeu a palha toda do outro...

Comadre Possidónia: — Santo Breve da Marca! Nem diga mais, comadre! Até senti uma figgada no coração! Olha ao que chega um desgraçado dum cadáver!

6.º ACTO

(onze minutos depois)

Comadre Possidónia: — Pois não sei, comadre. Pelos geitos é coisa lá da estranja. Eu até tenho estado toda a tarde com a cabeça tonta!

Comadre Delfina: — Não que êle sempre ha cada aquela! Mas isso será assim, comadre? Olhe que às vezes...

Comadre Possidónia: — Disse-mo a comadre Felícia, menina, que não é nenhuma parlapatona, penso eu.

Comadre Delfina: — Ai lá isso é que ela não é! Não ha que se lhe diga! Verdadeira como poucas!

Comadre Possidónia: — Pois foi ela! E até me contou que a tia Antónia se queixara de que já não sabe onde ha-de ir buscar mais palha para dar ao homem!

Comadre Delfina: — Não que cabo parece que de três enxérgas. Aquilo, como era homem de muita sustância, e como se quere achar bom depressa...

Comadre Delfina: — Não ha palha que o farte! Ha-de ser isto, por mais que me digam, comadre! Estou banzada! Não que eu até parece que já nem vejo bem com tal notícia! Santíssima Trindade!

EPÍLOGO

(no dia seguinte)

O advogado Soares: — Olha lá, ó Doutor! Já sabes o que por aí se diz a teu respeito?... Sempre o diabo as tece! Ah! ah! ah! ah!

O médico Baeta: — Não sei, nem me importa. Tenho mais que fazer... Mas que é afinal?...

O advogado Soares: — Disse-me lá a minha mulher que a creada lhe tinha dito... que tu que tinhas receitado... não sei quantas injeções de palha e pastilhas de erva a um dos teus doentes... Parece que ao Manuel da Antónia, ali do Cruzeiro... Ah! ah! ah!

O médico Baeta: — Ao Manuel

Poetas nossos

RECORDAÇÕES DA INFANCIA

Saúdades! Tenho saúdades
Dêsses tempos que lá vão;
Quando à porta do quinteiro
Eu jogava o meu pião;
Quando no campo eu corria
C'um papagaio na mão!

Oh! que então eram na terra
Tudo venturas p'ra mim!
Meu Pai me dava biscoitos,
Minha Mãe beijos sem fim!
Minha avó me defumava
De manhã com alecrim!

Por entre os prados amenos,
Como contente eu saltai,
Com um chapéu de dois bicos,
Que dum popel arranjei.
E em grosso pau a cavallo,
Mais orgulhoso que um rei!

De ser cristão, nessa idade
Tendo já nobre altivez,
De papelão com a mitra
Que o mano António me fez,
Ao pé da minha igrejainha
Bispo fui por muita vez!

Da infância a negra saúdade,
Que à desgraça me reduz,
A minha alma espevitando,
Tem quasi apagada a luz;
Só vivo até que meu peito
Às escuras diga: — Truz!

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS
Ilustre poeta satírico portuense (séc. XIX).

UMA CASA DO POVO
NO BUNHEIRO

(Continuado da 1.ª página)

a todos, o merecimento das Casas do Povo, a sua função educativa e social, de solidariedade mutua, de socorro na invalidez e na doença, de auxilio e cooperação nos melhoramentos locais, de instrução e cultura física, etc. Elucidou os ouvintes sobre a maneira prática de conseguir a fundação da Casa do Povo e prestou-se, como é da sua função, a guiar os interessados na realização desse desideratum.

Falou a seguir o nosso director que, fazendo o elogio da organização corporativa, combateu o individualismo egoista que leva os homens a olhar muito para si e pouco para os outros. A vantagem das Casas do Povo está realmente em elas representarem esse espirito de cooperação e auxilio mutuo, o sentimento do bem colectivo e serem um traço de união entre as almas, complemento, na esfera social, da moral cristã que a Igreja ensina.

Encerrou a sessão o sr. Governador Civil com palavras entusiasticas que foram coroadas com muitos aplausos.

da Antónia?!... Tem graça, na verdade! Tem graça, e não ofende. Erva e palha, dizem então por aí, hein? Estão no seu direito... e gostos não se discutem.

O advogado Soares: — Alguma piada que tu disseste... e aí temos nós uma lenda das mil e uma noites. Não ha nada mais certo do que o ditado que diz: quem conta um conto, sempre lhe acrescenta um ponto.

O médico Baeta: — Pois olha: eu afirmo que não ha nada menos certo do que êsse proverbio.

O advogado Soares: — Ó homem, pois tu não vês o que precisamente agora acontece contigo?! Pois tu na realidade aconselhaste alguém a ingerir palha ou erva?! Não! Então...

O médico Baeta: — Não, é claro. Mas, por isso mesmo, é que o tal rifão não é exato. Em vez de se dizer: quem conta um conto, sempre lhe acrescenta um ponto, — deveria mas era dizer-se assim: — Quem conta um conto, acrescenta-lhe sempre um... bilião de pontos!

DOCTOR FORTE VINAGRE.

Nos inocentes folguedos
Eu via o tempo voar;
Se um dia vinha um sopapo,
Que me obrigava a chorar,
Depois, de mimo coberte,
Eis-me a rir, eis-me a brincar.

Meu pião idolatrado,
Que será feito de ti?
Papagaio da minha alma,
Lá que tempo te não vi!
Doces biscoitos de outrora,
Quem mos dera agora aqui!

Migos beijos inocentes,
Como ainda me lembrais!
Cheirosos defumadoiros,
Que saúdades me inspirais!
Meu lindo chapéu de bicos,
Não me ensintorás jámais!

Grosso pau, em que eu montava,
Em cinzas talvez será!
A mitra com que fui bispo,
Esfarrapada foi já!
E a minha bela igrejinha,
Em que mãos hoje estará?!

Aos nossos correspondentes

Aos nossos estimáveis correspondentes solicitamos o favor de maior assiduidade na remessa das suas correspondências para o nosso jornal: todos compreendem quam eficaz é sempre uma noticia local relativamente à aquisição ou conservação de assinantes.

Um simples postal com duas ou três novidades da terra... vale às vezes mais que dois sermões sobre o dever que tem os católicos de patrocinarem a Boa Imprensa, — que é a sua Imprensa.

TEATRO AVEIRENSE
CINEMA SONORO

Domingo, 22 de Abril de 1934

Estreia do novo aparelho sonoro "R. C. A. — Photophone"

Alta Fidelidade de Som com o grandioso e extraordinário filme KING-KONG

um monstro pré-histórico de 17 metros de altura!

Um espectáculo de maravilha, nunca visto nem imaginado!

Quinta feira, 26

Maurice Chevalier e Meg Lemonier

na linda opereta

QUE RAPAZ ENCANTADOR

Brevemente: Um grande exito

O TUNEL

NOVOS ASSINANTES

Aos Rev.ºs Párocos e mais Sacerdotes, bem como aos nossos solícitos correspondentes e de modo geral a todos os amigos — e tantos são êles — do Correio do Vouga, rogamos a fineza de enviarem todos os esforços ao seu alcance no sentido de angariar novos assinantes do Correio do Vouga.

AGENCIA FUNERARIA
NARCISO GRAVATO

VAGOS

Fornecer urnas e encarregar-se de todo o serviço funerário

Correspondências

Nariz, 15 (atrasado).

Será má vontade? — Com data de 30 de janeiro vimos num jornal destas regiões duas noticias que não podem passar sem o nosso reparo.

A primeira noticia diz respeito ao funeral do falecido Joaquim Fernandes, do logar da Vessada. O illustre correspondente afirma que o entêro foi realizado de noite e por caminho diferente daquele por onde costumam seguir com os cadáveres. Quanto ao entêro ser feito de noite, o illustre correspondente mente, porque, embora o funeral chegasse ao cemiterio já posto o sol, não é verdade que fosse feito de noite. Quanto ao caminho por onde veio, o illustre anónimo devia ter vergonha em assim falar, pois que a mais ninguem pertence tanto cá na terra o cuidado pela conservação dos caminhos como a sua senhoria. De resto, porque razão não fala o correspondente no outro cadáver que veio no mesmo funeral? Odio ou má vontade? Talvez por o Joaquim Fernandes ser um pobresinho! Pois, meu amigo, a sua riqueza, junta com a sua avarêsa, não o livrarão de ser conduzido pelo mesmo caminho que seguiu o Joaquim Fernandes. E bom será não chamar nomes aos mortos, mórmente quando são pobresinhos, porque os ricos às vezes não são melhores. Não diga, não diga que o Joaquim Fernandes era Tôrto, porque antes tôrto nas pernas do que na consciencia. E lá os Senhores do jornal tomem cautela com certos correspondentes!

A segunda noticia era toda pomposa e dizia respeito a uns bailes de máscaras, num certo salão recreativo! Não diga assim Senhor, não diga assim!

Diga antes: salão comercial onde se compra e venda a honra e a dignidade da juventude e das famílias à custa de alguns copos de alcool, bem pagos e talvez sem autorisação legal das competentes autoridades!

Prêgação solene. — Numa das últimas semanas da Quaresma houve na nossa Igreja Paroquial, prêgação solene, durante quatro dias, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Houve muita concorrência, sendo por vezes pequeno o templo, para todos os ouvintes. Terminou por uma festinha muito piedosa, constante de Missa cantada com prática e Comunhão geral, que foi muito concorrida. Do lado da tarde houve exposição solene durante algumas horas, hora santa, sermão e benção do SS.º, com ladainha cantada pelo grupo da freguesia, que agradou muito. Durante todo o triduo houve cerca de 1.500 comunhões. Muito agradou tambem a orquestra da música velha de Fermentellos, que cantou a Missa. E' preciso que os católicos se unam, se encoragem e continuem a fazer festas assim, que fazem tanto bem às almas.

Páscoa. — Foi magnifica a visita pascal: com respeito, socêgo, ordem e muita paz.

Via Sacra. — Houve a todos os dias da Quaresma.

Troviscal, 16.

Resposta curta. — Alguem teve a coragem de afirmar que o culpado da musica do Troviscal estar interdita é o nosso Pároco.

Esse alguem teve a coragem de fazer essa afirmação num jornal, com assinatura e tudo. Pois fique sabendo esse alguem, e todos os leitores, que a musica do Troviscal não está interdita. A' musica do Troviscal não se dá tanta importancia.

Já a minha avó dizia que quando a gente não sabe o que diz deve calar-se.

Páscoa. — Nunca no Troviscal se passou uma Pascoa tão calma, como este ano. Durante a visita pascal só houve dois episódios engraçados. O primeiro engraçado por ter graça, o segundo não dizemos porquê. O primeiro foi um urso enorme, com uma espécie de boina na cabeça, que apareceu ao cruzeiro, quando o sr. Prior passava mais os mordomos, na visita pascal. Era engraçado porque estava muito bem ensinado e most-ava o belo instinto de certos bichos.

O outro foi um garoto que saiu das bandas do Clúbio, a tocar num instrumento de musica, atrás do Senhor Prior e dos mordomos.

Mas este segundo episódio não se classifica, porque aquilo não era por mal e nem foi mandado pelo mestre, que o mestre só dá lições de honradez!!!

Vamos a vêr. — Parece que os homens dos carnavais estão outra vez com logar marcado em Anadia e garantem que hão de ser outra vez, e para sempre, absolvidos.

E nós que nos importa com isso! Da outra vez disseram eles que foram absolvidos e foram, mas dois contos é que se foram...

Eles bem afirmam, confirmam e garantem e realmente é o que toda a gente espera, tal é o terror que eles espalham, mas... vamos a vêr, vamos a vêr!

Nova seita. — Vossenhorias não sabem que ha uma nova seita protestante, aqui, no Troviscal?

E que essa seita se chama Taberneirismo? E que os filhos dessa seita se chamam taberneirantes ou taberneiristas? Pois uma destas noites tocaram a rebate os sinos da cathedral taberneirista. Acudiu toda a povoação alarmada. Ora o que havia de ter?!

O chefe da seita a quem tinha dado um ataque medonho e desconhecido. Foram chamados os facultativos da seita. O Dr. Brôa dizia que era ataque nervoso e receitou gêlo na cabeça; o Dr. Cristo Queimado receitou uma injeção contra a raiva; e só o especialista Cadelas é que descobriu, com o raio X, que o homem estava enganado. Vão a vêr, e a causa do engano foi o facto do jasuita mór ter tido nesse dia 10 baptizados duma só vez. Coitadinho!!! Nosso Senhor lhe acuda e o melhora bem depressa!!!

C.

Vagos, 17-3 934.

Visita Pascal. — No último domingo procedeu o Rev.º Pároco à visita pascal aos seus paróquianos dos logares das Vêrgas, Vigia e Lomba: e, como sempre aliás, foi em toda a parte recebido com as mais inequívocas demonstrações de generosidade e carinho.

Sacerdote doente. — Na Gafanha da Boa Hora, encontra-se gravemente doente com uma pneumonia o Rev.º José Moran, sacerdote espanhol, ha pouco chegado do Brasil. A Deus pedimos que depressa o restabeleça, para que de novo possa entregar-se ao seu labor sacerdotal.

Festa do Espírito Santo e da Senhora de Vagos. — Já está constituida a comissão de mordomos, a quem foi confiada a elaboração e realização do programa das festas do Espírito Santo e Senhora de Vagos. Espera-se que êste ano tais festejos revistam ainda maior brilhantismo que nos outros anos, e desde já se pode agourar que será dos mais empolgantes números a famosissima procissão das velas, bem como a tão impressionante despedida do povo de Cantanhede.

Agricultura. — Na Gafanha foram ha dias vendidas algumas arrobos de batata a vinte escudos.

C.

Secção recreativa

(PARA TODOS OS PALADARES)

N.º 1 — Enigmas tipográficos

1.º
N H N H
2.º
M M M
3.º
5 1 6 10
4.º
X
2

DR. MASSADAS.

N.º 2-5 — Charadas em frase

Olhar e não possuir, é... difundir. — 1 — 1 —
Ande, aprenda a soletrar, se quere ter mérito. — 1 — 1 —
A onda espalhou-se pela terra, como um ser errante. — 2 — 2 —
O mamífero desta côr parece uma carocha. — 2 — 2 —
NAU CATRINETA.

Correspondências

Angeja, 10 (atrasado).

No próximo domingo, 15 do corrente, sairá triunfalmente o S.^{mo} Sacramento aos enfermos que por motivo da sua doença não puderam recorrer à igreja cumprir o preceito pascal.

E' tão comovedora esta visita de Jesus aos inválidos que devia constituir a maior lição para aqueles que de válidos e obstinados de Jesus se afastam, dando mil desculpas de não cumprirem tão grave preceito.

Falecimento. — No dia 29 de março faleceu nesta freguesia, na paz do Senhor a sr.^a D. Maria Augusta Souto, já de avançada idade, irmã muito querida dos srs. Vicente Souto, Henrique Souto e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Souto, e cunhada do Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Dr. Alfredo Monteiro de Carvalho.

O seu funeral, muito concorrido, realizou-se às quatro horas do dia 31 do referido mês, com officio de corpo presente, por 15 eclesiásticos.

No 30.^o dia haverá por sua alma officio solene com missa na parochial desta freguesia.

Paz à sua alma e a todas as pessoas de sua familia a expressão do nosso profundo sentimento.

Estudantes. — Passaram por cá alegremente suas férias os nossos estudantes que já regressaram a seus institutos, para continuar seus estudos e a quem desejamos o mais feliz êxito de seus trabalhos.

Tempo. — O inverno chegou enfim quando todos pensavam estar na Primavera. Devido ao tempo as lavouras estão muito atrasadas.

C.

Costa do Valado, 13.

Realizou-se hoje aqui, em S. Bento, o funeral do nosso querido amigo sr. Manuel Fernandes Vieira, solteiro, de 66 anos de idade.

Era irmão dos srs. P.^o Antonio Vieira, Elias F. Vieira e José F. Vieira e cunhado do sr. Manuel Fernandes Carvalho, a quem apresentamos os nossos pesames.

Ha 40 anos constituiu sociedade, em Aveiro, de joalheiro com o sr. Francisco Pinto de Almeida e foi sempre uma ourivesaria séria e entre eles nunca houve a minima discordia apesar das suas ideias politicas serem completamente opostas.

O funeral foi concorridissimo. Até a Igreja de Santo António, onde se realizaram os officios, foram organizados 16 turnos, respectivamente pelos ex.^{mos} srs. João Simões Ferreira, escrivão em Vagos, Dr. José Dias Ferreira, farmaceutico, João Salgado, Francisco Maçarico, Manuel Atanásio de Carvalho, Tenente Joaquim Birrento, Julio Ferreira Dias, empregado superior dos correios e telégrafos em Aveiro, João dos Santos Coutinho, Manuel da Conceição, José Pontes, João R. de Carvalho, Diamantino Jorge, Manuel Marques Mostardinha, José F. Canha, José Augusto de Oliveira, Manuel S. Tomás, Elias M. Mostardinha, José Valente, Luis Vidal, Amandio Vidal, José M. Mostardinha, Rodrigo Pinto, Manuel Melão de Carvalho, Professor Adelino Vidal, Ernesto Simões Maia, empregado superior dos correios e telégrafos em Aveiro, A. Alvarenga, Manuel Gomes Ferreira, Augusto Carvalho, Argemiro da S. Carvalho, Jacinto Vitoria, João Gonçalves, Rolando Dias, Manuel Lopes, Artur Lopes, Julio António da Costa, João Tomás, Marcelino S. Lameiro, Marcelino Tomás Lameiro, Albino Martins Pereira, Alípio Matos, João B. Estrela, Joaquim F. Peralta, Rodrigo de Melo, Marcelino Vidal, José Lopes Neto, Francisco Pais, empregado da Câmara de Aveiro, Artur Abreu, Diamantino Maia, Manuel Martins Pereira, Albino Martins Pereira Junior, Francisco Cardeal, Joaquim Vieira Ramos, José Frade, Manuel Frade, Elias Vieira, João Peralta, David Maia, Augusto Diniz Ferreira, Elias F. Vieira, José F. Vieira e Manuel Fernandes de Carvalho e Manuel F. Vieira.

A chave da urna conduzida pelo seu sócio sr. Francisco Pinto de Almeida.

Tambem acompanharam o féretro com os seus automóveis os

PARA LÁ DA FRONTEIRA

Notas e impressões

— A crise da Maçonaria
— Cae a venda da Alta-Venda que tem vendado os sinistros manejos da seita

Temo-nos occupado da crise que atravessa a Maçonaria na França. O seu poder que foi enorme e fez movimentar toda a politica franceza do século que passou, começa a abalar-se profundamente e é nesse país, feudo da tenebrosa seita, que está justamente a sentir-se hoje uma reacção de tal ordem contra ella que acabará pela sua derrota de que é prenúncio a retirada dos arquivos da rua Cadet, de Paris, para Bruxelas, a que nos referimos na última crónica.

Razão tem pois o *Duce* quando afirma, no seu último discurso que aqui temos comentado, que a Maçonaria, como o Liberalismo e a Democracia, tilogia famosa que levou o mundo à ruína, morreu para sempre.

Na França não morreu ainda, mas está no estertor. Não morreu ainda ali, porque não chegou até agora a hora do resgate desse povo glorioso, em que a ardente fé nacionalista, que palpita no coração dos jovens franceses, bem visivelmente, expulsará definitivamente do país essa organização criminosa.

Mas está ella no estertor, tão violentas são as campanhas contra ella feitas, tão escandalosas são as suas conivências com a fraudulagem dos burlões-políticos e dos políticos-burlões e tão notória é a sua culpabilidade nos assassinatos, nas mortes repentinas, nos vários *suicídios* que tem tão tristemente illustrado as páginas da história contemporânea da França.

Ainda consegue dominar em certos sectores e triunfar aparentemente, impedindo certas conferências anti-maçónicas que a Federação Republicana (Grupo de Luis Marin) resolveu fazer e que, como as ultimamente annunciadas no salão *Eldorado* de Nice para o dia 8 do corrente, — a realizar pelos deputados *Filipe Henriot*, que em Bruxelas tinha feito o seu processo com a veemência de que usa e *Xavier Vallat*, que, como dissems na última crónica, annunciou uma interpelação na Camara a pedir a sua dissolução — não puderam realizar-se por imposição da policia da *Sareté*, desdobraimento do triângulo maçónico.

E' ainda a projecção dessa omnipotência secreta, a tombar é verdade, mas nefastamente positiva, que vem de longe e que foi tão forte no tempo de *Combés* que nem ao próprio Presidente da Republica reconhecia autoridade, como se lamentava o pobre *Loubet* em 1903, quando da sua viagem à Argelia, por não ter o *Officiel* publicado os seus discursos ali proferidos a favor da tolerância religiosa. Foi o próprio Presidente que mandou os discursos para o *Officiel* e foi o próprio director do *Officiel*, que interrogado por *Loubet*, lhe respondeu que os recebera mas que lhe fôra interdita a publicação.

O facto, que a *Voz* ha dias recordava, veio contado pelo P.^o Ivo de la Briere nos *Etudes* servindo o desabafo do falecido Presidente e pacifico burguez que era *Loubet*, tipo de Chefe de Estado Constitucional, inofensivo e irresponsavel, para consolidação de *Picot*, secretario perpétuo da Academia de Ciências Morais que se queixava ao presidente por o *Officiel* não publicar os seus relatórios.

O pacatissimo *Loubet* rematava o seu desabafo com esta afirmação de desalento: — «Porque estamos governados pela Maçonaria, digo-lhe eu, Sr. *Picot*».

Mas 1903 não é 1934. Os tempos mudaram e a reacção contra a tirania maçónica, revelada nos escandalosos successos dos últimos tempos é de tal ordem que ao desafio dos Ir.^{os} para travar o movimento de protesto contra a seita, aliada a todas as Ligas da Revolução e a todas as Internacionais da desordem, respondem corajosamente os nacionalistas franceses proseguindo na campanha e afirmando, como fazia *Leon Bailly*, a propósito do incidente de Nice, que se tomarão disposições para que isso se não repita, não levando por diante os Ir.^{os} o propósito de impedir que os seus adversários falem.

* * *

Os vários *suicídios*... e *mortes* súbitas que a cada passo surgem no noticiário dos jornais franceses, já não surpreendem nin-

guem e toda a gente vê nesse desaparecimento repentino pe pessoas, a mão fatidica dos filhos da treva, acobertada pela cumplicidade dos radicais socialistas, na sua quasi totalidade maçons, e protegida pela *Sareté* que é um prolongamento da Maçonaria e onde figuram marionettes como o inspector *Bonny*, já classificado de *gangster* pela imaginativa poderosa da sua arte de contrabandista policial no apuramento das responsabilidades no caso *Prince* e no caso *Stavisky*. O *suicídio*... de *Prince* transforma-se num verdadeiro assassinato. E' essa a opinião dos peritos que autopsiaram o cadáver; é essa a opinião do juiz *Rabat* em vista das investigações levadas a cabo até ao presente, segundo telegrama último da *United Press*.

E' claro que a seita dos burlões-políticos e maçons não convinha o depoimento do Conselheiro *Prince* e por isso se fez *suicidar* o incomedativo magistrado que estava disposto a dizer tudo o que sabia sobre as proteções dispensadas a *Stavisky*, como se fez *suicidar*... este para que se não resolvesse a fazer revelações.

Agora noticiam os jornais um novo *suicídio*... a que se refere o seguinte telegrama da *Havas*:

David, fiscal do Ministério do Trabalho que pôs o «visto» na carta de Dalimier a Dubarry, morreu nas vésperas de depor

PARIS, 12. — O Tribunal do Sena decidiu que fôsse autopsiado o cadáver de David, fiscal do Ministério do Trabalho e secretario particular de Roussel, director dos Seguros Sociais, que faleceu ha 3 dias, nesta cidade. David teve nas suas mãos a famosa carta datada de 23 de Setembro de 1932, dirigida por Dalimier a Dubarry.

Na ausência de Roussel, foi David que lhe pôs o visto. O juiz de instrução tinha a intenção de ouvir, por estes dias, o depoimento de David. — *Havas*.

E segue a roda no seu movimento macabro e trágico, annunciando dia a dia, hora a hora quasi, successos criminosos.

Começa a crer-se que o assassinio de *Doumer* foi obra da Maçonaria. A clava de *Leon Daudet* bate furiosamente nesse ponto e é no meio desta luta tremenda que se desenrola na França que surge a revelação do assassinato maçónico de *Syveton* em 1904, pela própria declaração do assassino agora trazida a lume, e que é a seguinte:

Quando da *Questão das Fichas* o Sr. M. X. ... do Grande Oriente da Rua Quedet, acompanhado pelo Sr. M. V. deram-me *rendez-vous* no Café do Globo.

De lá fomos para o Café Halder.

Falámos do desaparecimento das Fichas e um disse-me: — E' preciso que tu encontres a maneira de entrar em casa de *Syveton* e de romper ou deslocar o fogão de gaz. Dito isto tirou uma planta do quarto. Depois de conversarmos um pouco separámos-nos; e eu deveria dois dias depois encontrar no (Hotel de Hallande) na rua Cadet, 6, um sujeito, de nome Z. ... hoje director do serviço penitenciário de... que me entregou uma carta para um inspector do... morador em Neully. No dia seguinte, um sabado, fui à direcção indicada, onde fiquei tres dias. Foi na terça-feira seguinte, à noite, que eu próprio rompi o fogão de cobre. Na sexta-feira à noite *Syveton* foi encontrado no seu quarto morto pela asfixia. O *dossier* politico e completo deste *affaire* foi entregue nas mãos de *Hennion*. Creio poder afirmar que o Sr. Leon Burgeois teve conhecimento deste *dossier*. 9 de Outubro de 1919.

a) Maurice-François.

P. S. — O *affaire* *Syveton* deu-me aproximadamente 9 a 10.000 francos.

Continuaremos.

QUERUBIM GUIMARAES.

Correspondências

srs. Dr. Carlos Vidal, Sócio Alves e Duarte Lebre.

Foram oferecidas varias corôas, entre ellas: «Ultimo adeus de seus irmãos e sobrinhos», «Eterna saudade de seus sócios Almeida e Alves», «Ultimo abraço de seu primo Antonio Martins Pereira, esposa e filho», «Recordação de sua prima Rosa», «Ultimo beijo de sua sobrinha e afilhada Maria da Conceição», que foram conduzidas respectivamente pelos srs. João Fernandes Vieira, José F. Vieira, Antonio Martins Pereira, Eduardo Leite e Marcelino Tomás.

Findos os officios o seu cadáver foi conduzido ao cemitério, onde repousa e nos deixa eternas saudades. Que Deus lhe dê o descanso eterno entre os resplendores da luz perpetua.

16-4-934.

Encontra-se um pouco melhor do seu estado melindroso a sr.^a D. Mariana de Almeida Azevedo, viuva do antigo homem público e nosso conterraneo, Dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo. Rogamos a Deus as suas melhoras.

— Seguiu ante-ontem para a Africa, para a companhia de seus irmãos, o sr. Antonio Lemos.

— Realisaram-se hoje na nossa Igreja Matriz os officios do 7.^o dia do sr. Manuel Fernandes Vieira, que foram muito concorridos.

— Os nossos agricultores andam com a sementeira do milho, mas estão muito desanimados com o vinho, por causa do seu baixo preço e pouca procura.

— A cultura da batata não foi nada inferior à do ano passado.

— Os frigoríficos estão muito vendidos.

— A nossa escola do sexo feminino, por que tanto nos bate-mos, já anda em obras, graças a Deus.

C.


JOSÉ DIAS JUNIOR
 CIRURGIÃO DENTISTA
 Consultas na Clínica,
 ás 3.^{as}, 4.^{as}, 6.^{as}
 e sábados

JOSÉ MOREIRA (CORUJEIRA)
 ADVOGADO
 VAGOS

— 16 —

ilhas, além de não poderem ser de grandes dimensões, se encontram disseminadas em forma de arquipélago como *rari nantes in gurgite vasto*.

A verdade é porém que, logo que estes terrenos se foram consolidando, logo que, sobre as suas areias mais ou menos drenadas e fixas, se poudo construir, logo as povoações apareceram; e, atraz delas, o mais perto do mar que foi possível, os castelos e fortalezas necessárias para a sua delecta e protecção das incursões dos piratas e corsários, tais como os de Viana, Neiva, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Leça, Queijo, S. João de Foz, Vila e Barra de Aveiro, e de Buarcos, etc., porque, então já havia que defender.

Todos estes castelos, salvo a praça de Aveiro, que já está bem longe da costa, datam do século desesseis; mas antes deles, já na terra da Maia, numa linha do litoral mais recuada, se tinham construido os de Taygobriga, (Vila Nova da Telha); Alóbriga (Castelo da Maia) de Moraria (Moreira); Sanctus Mames (S. Mamede) etc; e ao sul do Douro, Feira e Vacua cujo nome se não significa colina, back, em lingua germânica parece significar terra vazia ou abandonada, ou porque os Romanos tivessem obrigado a sair dela os seus naturais, ou porque as frequentissimas pestes que por aqui grassaram na antiguidade a tivessem totalmente despovoado; e com muita probabilidade outros de que já não restam vestígios nem lembranças.

Para me fincar nesta opinião oferece-me o Senhor Dr. Alberto Souto sólido apoio quando alega, para provar a iniquitação em que viviam os povos nos séculos onze a treze, que a princeza Muma Dona mandara construir o Castelo de Guimarães para defender o território convishinho das incursões dos piratas normandos que infestavam essas terras. E' certo porém que a regra é construir-se as fortificações na fronteira, do lado do inimigo, e não na retaguarda da zona a proteger. E, assim, parece que a zona do litoral se aproximava muito de Guimarães. Não é porém absolutamente averiguado que Muma Dona tivesse não edificado, mas ampliado uma fortificação mais antiga que ali havia, para se defender dos piratas que infestavam as costas da Galiza; sendo tradição local que o fizera para o defender das incursões dos gentios que estavam, ainda estabelecidos ao norte e a nascente.

Como anacronismo ou relêgo da opinião aqui expendida, de que o território em discussão, era em tal tempo inadequado para nele se construir, não só edificios de grande pèzo, mas, até, casas de modestas dimensões, aponto o facto de, ainda na

um estudo que tanto interessa aos apaixonados pelas coisas do pretérito.

Devo porém esclarecer que, o eu ter posto em dúvida que tivessem sido somente as incursões e algaradas a unica razão da falta de pobramentos sufficientemente consideráveis, que dessem azo a neles se erguerem monumentos de arte românica, não representava de modo algum a contestação da verdade de tal afirmativa, cujo merecimento, aliás, eu não tinha, nem tenho profundado; mas sim que a principal causa, sem exclusão de outras, entre as quais se possa contar a intranquillidade proveniente das de tal natureza, algaradas e incursões, de, na terra sentente mária, isto é da beira mar que a corrupção transformou em terras de Santa Maria, em que peze aos mais graves historia-dores que sobre o nome desta região tem dissertado, tinha sido a da natureza do terreno, por mim apontada.

Foi pois com grande alvôrço que fui ouvir a doutissima lição do Sr. Dr. Alberto Souto, e bem me houve faze-lo, porque vim de lá, cada vez mais radicado na convicção, de que tinha argumentado com boa lógica, quando afirmei que o actual sitio de Aveiro não podia ter sido o da falada Talábriga, o que era o tema principal do meu artigo.

Se algumas dúvidas conservasse a tal respeito, ter-se iam dissipado perante a afirmação categorica do eruditissimo conferente, de que, em tal lugar, nunca houve uma povoação pre-romana, nem mesmo romana; e que a formação ou criação deste centro populoso tinha sido iniciada em data muito posterior.

Assim, encontramos-nos de mãos dadas, Sua Excelencia e eu, fazendo a afirmativa de que Aveiro não foi a antiga Talábriga; e que, por tanto, forçoso é procurar a noutro lugar. Pelo que, cada um de nós, evitando o pavio da vela à luz da qual pretendemos encontrar-lhe o poiso, a supomos submersa, o Sr. Dr. Souto em Cassia e eu nas lamas do Marnel.

Quando a pessoa cujas afirmações ou presumpções se ponderam, e não digo impugnamos ou contraditamos, tem formada a sua reputação de competencia no assunto que se ventila, com o Sr. Dr. Alberto Souto é necessario ter-se muita cautela para que não aconteça, como diz o rifão, «ir buscar lá e vir tosquiado».

Como, contudo, os conhecimentos humanos são, em regra, mais oriundos do que aprendemos com os passados, do que, salvo raras excepções, das lições da nossa própria experiencia e observação directa, posso supor que, sem desdouro, qualquer um, por mais douto que seja, se ache influenciado por ideias que o insigne Gaslin, o arguto critico das convenções historicas,

— 13 —

Palavras dum emigrado brasileiro sobre Portugal

Entre os emigrados brasileiros que o governo federal permitiu que regressassem ao seu país e que embarcaram há dias no *Ar-lança*, figurava o Dr. Julio de Mesquita que, entrevistado pelo correspondente da Agência Havas, teve estas palavras sobre Portugal:

É evidentemente com uma grande alegria que volto a ver S. Paulo, mas levo de Portugal, que foi tão cavalheirescamente hospitaleiro para os exilados paulistas, as mais sinceras saudades. É impossível descrever a delicadeza e a verdadeira bondade com que nos foram abertas as portas das famílias portuguesas e a maneira como toda a gente se esforçou por nos tornar mais suave o exílio.

Pude verificar após a partida de Guilherme de Almeida e de Waldemar Ferreira quão vivas se mantinham as recordações por eles deixadas. É com inteira justiça que Portugal pode dizer-se o país irmão do meu.

Creio firmemente no futuro de Portugal, já com um passado prestigioso atrás de si, futuro que lhe está garantido pelo ardor, pela curiosidade e pela independência de espírito da sua admirável juventude intelectual.

E como o correspondente da Havas lhe perguntasse o que pensava fazer em favor da aproximação do Brasil e de Portugal, o dr. Mesquita respondeu:

A aproximação luso-brasileira é desde sempre um facto consumado. Conto simplesmente facilitar o melhor que puder o intercâmbio cultural e científico. Por exemplo, nós realizámos no domínio da patologia humana e animal tropical, assim como no da agricultura tropical, trabalhos que poderiam interessar a Portugal, cujo império colonial se mantém tão florescente. Espero que S. Paulo enviará em breve a Portugal sábios do Instituto Biológico, do Instituto de Butantan, do Instituto de Campinas, da sua Faculdade de Medicina e da Escola Agrícola de Piracicaba. É evidente que os nossos homens de letras não deverão ser esquecidos nesse movimento dum mais íntimo intercâmbio.

Pela sua parte, os portugueses poderiam enviar-nos os representantes de uma cultura humanista á qual ainda recentemente foi prestada homenagem — porque nós não esquecemos que estamos ligados á grande arvore latina pelo nosso grande antepassado Portugal.

Notas de vida espiritual

A LIÇÃO DUM MENDIGO

Um dia, o Padre João Tauler desceu os degraus da Catedral de Colónia. Um mendigo pediu-lhe esmola; era hediondo á vista; a cara meia rorida por um cancro.

Tauler deu-lhe uma pequena esmola dizendo-lhe: Bom dia, meu amigo.

— Mercê, meu Padre, diz o mendigo. Deus tem-me dado o que vós me desejais; todos os dias são bons para mim, e este como os outros é para mim bom dia. Graças a Deus, na minha vida não tenho dias máus.

— Como! meu filho, replicou Tauler, nesse estado em que vos vejo, não tendes tido dias máus?

— Não, meu Padre. Desde criança, aprendi dum bom padre que Deus e meu Pai do Céu, que é infinitamente sábio, que me ama com amor eterno e incompreensível, e que se eu o amar também, tudo o que me acontece não pode deixar de converter-se em um bem para mim. Eu vivo pois na mais profunda paz, sem me preocupar com o dia de amanhã que não é meu. Habituei-me a olhar tudo como vindo do meu Deus, o mal como o bem. Quando sofro nas minhas enfermidades, bendigo a Deus e penso na cruz do meu Salvador, quando não sofro, bendigo-o pela paz que me dá. Quando tenho que comer, como, bendizendo a Deus por isso; quando não tenho, jejuo em expiação de meus pecados e também por todos aqueles que não jejuam. Procuro orar o melhor que posso e não perder de vista a presença de Deus. Eu penso muitas vezes no inferno e meu coração funde-se de felicidade pensando que a vida é curta e que em breve serei eternamente feliz no paraíso.

O Padre Tauler escutou estas palavras com uma religiosa admiração. Grossas lágrimas corriam-lhe sobre as faces; nada mais pôde dizer senão isto:

— Oh! meu amigo, orai por mim a Deus. Agradeço-vos; fizeste-me bem.

(De A Voz do Pastor).

CAPITÃO

João Pereira Tavares

Em Agueda, na *Escola Central de Sargentos*, de que é um dos mais ilustres professores, realçou, no dia 23 de março último, uma conferência, — da série daquelas que o Ministerio da Guerra ordenou que se realizassem nos estabelecimentos de ensino desse Ministerio dependentes, de caracter nacionalista e de combate ao comunismo — o sr. Capitão João Pereira Tavares, desta cidade, da qual o nosso presado colega, *Soberania do Povo*, fez um largo extrato e que foi a todos os titulos um trabalho digno de pôr em relêvo.

Não pudemos no nosso ultimo número fazer referencia a esse trabalho do illustre militar, por falta de espaço e hoje transcrevemos apenas algumas passagens da conferência, que escolhemos entre tantas com que concordamos inteiramente:

Ainda até hoje nenhuma filosofia excedeu em perfeição a moral cristã emanada da própria perfeição condensada em Deus. Ha a coorte aguerrida dos livres pensadores que pretendem separar a moral cristã que dizem adoptar, da religião cristã que combatem encarnadamente. Praticam um êro tremendo ao pensarem que será possível difundir êsses princípios com a sua exposição formal, fria, incaracterística. Deixai rezar quem reza, deixai em paz os crentes, porque ainda não fostes capazes de descobrir método mais eficaz de elevar as almas ao ideal de difundir a moral cristã que o da Igreja. Ainda não ha disciplina social que não tenha o seu pensamento na familia cristã. O pensamento é livre, pensai livremente mas concedei aos outros o mesmo direito. Houve um estadista português que, no seu entusiasmo renovador e redentor da Pátria, se propôs acabar com a religião em Portugal em duas gerações. Não tenho á mão, estatísticas mas estou em crêr que não serão muito animadores para êle os resultados colhidos.

O povo português é profundamente tradicionalista, e a nação portuguesa nasceu da aliança da espada do conquistador com o hábito do monge. Da familia, do amor ao torrão que é transferido de pais a filhos e do amor á tradição, deriva no povo um profundo, um acrisolado amor á Pátria. Esse amor que a distancia traduz em saúde dá até á própria emigração portuguesa uma feição característica. O português emigra para voltar á Pátria que ama, não se deixa em geral prender em outro ninho. É como o pombo afastado que procura o

MIGALHAS DE HISTORIA

ÚLTIMAS PALAVRAS DE PERSONAGENS CÉLEBRES (6.ª série)

GUERRA JUNQUEIRO: — *Meu Deus, levai-me!* *Meu Deus, levai-me!*

CUTHBERT MAINE, ministro anglicano, convertido e ordenado padre católico, e, como tal, condenado pela sanguinária rainha Isabel de Inglaterra: — *Senhor, nas vossas mãos entrego a minha alma!*

MAC DONNEL (general escocês ao serviço de D. Miguel): — *Não me matem, não me matem, porque eu sou Mac-Donnel!*

JACQUES RIVIÈRE: — *Até que enfim me vejo livre de mim mesmo!*

TOMÁS BECKET (S.^{to}), ARCEBISPO DE CANTUÁRIA: — *Em nome de Deus Todo Poderoso, eu vos proibo que toqueis nalgum dos meus companheiros, clero ou leigo, grande ou pequeno... E firmemente vos declaro que não sairei desta igreja, e aqui me tereis de matar!*

CARDIAL MERCIER: — *Só Deus!* RABELAIS: — *Desçam o pano! Acabou a farsa!*

LA FONTAINE: — *Ó meu caro! Morrer é coisa que nada vale: mas já pensaste em que eu vou comparecer na presença de Deus?*

BOSSUET (para alguém que lhe falava da sua celebridade): — *Acabai com essas palavras, e pedi por mim a Deus o perdão para os meus pecados.*

BOURDALOUE (para uma pessoa, que queria fazer lhe compreender a gravidade da situação): — *Sim, sim, não é preciso mais: é indispensável que eu faça agora aquilo que tantas vezes praguei e aconselhei aos outros.*

MEZERAY: — *Esquecei o que de contrário á fé eu possa ter dito ou escrito: Mezeray moribundo é mais digno de crédito que Mezeray cheio de vida.*

MONTESQUIEU (ao sacerdote que

pombal onde nasceu. Tem orgulho de ser português. O que é afinal a história dum povo que quer ter Pátria?

Com um profundo amor á familia, com um arreigado apêgo á terra, com um profundo respeito pela tradição, com um patriotismo ancestral poderá o povo português tolerar o comunismo? Será possível que o português renuncie á sua dignidade de homem livre para se transformar num condenado a trabalhos forçados? O comunismo pode lá ser!

Que quer o povo?

E no final: O povo português quer ser livre, quer ter fé, quer ter familia,

POR AVEIRO

Sarau no Teatro Aveirense. — Está marcado o dia 28 do corrente para um Sarau no Teatro Aveirense, cujo produto reverte a favor dum fundo para obras na Igreja da Vera Cruz, que ha muito são reclamadas mas que importam em quantia avultada.

O Sarau constará de vários números entre eles:

— Um solo de saxofone por Manoel Barreto, acompanhado a piano por Henrique de Lemos.

— Violino pela Sr.^a D. Firmina Miranda e piano pela Sr.^a D. Maria Virginia Salgueiro.

— Recitação de poesias pela illustre professora do Liceu Carolina Micellis, do Porto. D. Maria de Lourdes Amaral.

— Conferência pelo Sr. Conde de Aurora que será apresentado pelo Sr. Dr. António de Sousa Machado, desta cidade.

O desastre na Aviação. — Foi transportado para Lisboa, para o Hospital da Estrela, o Sr. Tenente José Rodrigues dos Santos, que ha tempos sofreu um desastre de avião, como aqui noticiámos.

Do Hospital desta cidade, onde foi internado apoz o desastre, foi levado para Lisboa ha poucos dias. As noticias que veem da capital são boas felizmente, acentuando-se as melhoras do doente, com o que muito folgamos.

lhe levou o Sagrado Viático, e lhe perguntou: — « Senhor, compreende agora como Deus é grande? » — *Sim, e como os homens são pequenos! Ah! a moral do Evangelho é o mais precioso dom, que Deus podia fazer aos homens.*

IGNOTUS.

analizadas no seu livro *De L'Iberie*, qualifica de sistemáticas e preconcebidas, e admitidas como irrefutáveis, por terem sido adotadas, sancionadas e postas a correr pelas mais consagradas sumidades da ciência histórica.

Para mim que, apesar de já bastante velho, tenho particular predileção pelas ideias novas, sòmente admitto como indiscutíveis os dogmas da religião que professo; quanto a todas as outras afirmações, reservo-me o direito de as admitir ou regeitar conforme elas agradarem ou repugnarem ao meu fôro íntimo.

De resto, a qualquer bem inteccionado não importa saber se é A ou B que tem razão; o que importa é averiguar se tal facto poudo ou não ter possível realisação ou se, realmente, se deu.

Ora eu creio que por mais voltas que se dê á melhor geologia, que é uma ciência de observação, ninguém pode negar a existência das Costa Nova, Costa de S. Jacinto, da Costa do Torreira e do Furadouro da antiga Costa do Valado, e de toda esta archa para o ocidente dos terrenos em formação actual, que iniciaram a sua progressão desde as fraldas dos contrafortes das montanhas que formam o cordão orográfico da beira mar definido pelas balizas Souto Redondo, Feira, Oliveira de Azemeis, Albergaria, Anadia, Aguada, Bussaco, Luzo, e por aí abaixo até Leiria, a cujo oeste, e já bastante no interior, se encontra a Marinha Grande e Porto de Mós, cujos nomes indicam que o mar andou muito perto da cidade do Liz, cujo nome, como o Lys de Lusitania, significa lagôa ou pantano.

O que eu acho extraordinário é que, andando tanta gente a desejar um *Portugal Maior*, não tenha dado fé de que a natureza lhe está todos os dias fazendo a vontade, aumentando o território continental para o ocidente; e que Portugal, se assim se chama é porque a palavra quer dizer região da beira mar ou que cresce para o mar.

Atesta-o a natureza arenosa e lagunosa da facha do litoral; certifica-o a toponímia antiga dessa mesma facha, que léguas para o interior, nos acusa a existência em tempos remotos, de grandes rias, lagunas, salinas e portos, que nunca poderiam ter existido se o mar não tivesse banhado já uma costa muito mais recuada, e ao longo da qual, próximo do mar, foi construída a estrada romana, para servir, pondo-as em comunicação, as povoações acasteladas ou chans, então existentes, como era natural, e como hoje acontece com as estradas que se constroem para servir as que tem assento ao longo da costa actual.

É esta a única explicação plausível do facto apontado pelo illustre conferente, da falta de castelos, já não direi romanos,

mas até medievais ao longo da orla marítima do distrito de Aveiro.

Essa falta implica, até, a negação ou refutação das pretendidas incursões de piratas, nos século onze a treze, na região do litoral. Se elas fôsem frequentes e de tempo, ter-se-iam erguido esses castelos como mais tarde, no século desasseis, foram para conter em respeito os piratas argelinos, que tanto infestaram as nossas costas.

Não os havia porque, então, as terras não chegavam até onde hoje se estendem pelo mar dentro; e, porque, durante largos séculos, foram tão instáveis e alagadiças, que não só sobre elas se tornava impossível alicerçar quaesquer construções, como porque, sendo o alcance eficaz de protecção de tais castelos muito restrito, limitando-se, em regra, á dos burgos que, como o nome o indica, eram as povoações nascidas e abrigadas á sombra dos seus muros, e as cidades que se iam formando nos territórios intermédios, não havendo possibilidade de construir, e consequentemente de povoar, não havia que proteger.

E não obste á admissão deste argumento a objeção de, na região do baixo Vouga e beira mar, haver terrenos de formação mais antiga, abundantes de pedraria de vária espécie que forneceriam óptimos materiais de construção, entre os quais ouvi citar pedra de Ançã, que serviram a edificações bem distantes do logar da sua exploração.

Não sei o que se pretende dizer com a expressão região do baixo Vouga. Para mim esta região é a que fica a poente de Águeda e de Albergaria-a-Velha; e está incluída na zona de terreno de recente formação.

Tendo de se admitir, o que não pode ser posto em duvida, que a costa occidental portuguesa sofreu a fractura da parte que constituia a Atlântida, de que ficou sendo a reliquia, é indubitável que o litoral ficou profundamente retalhado, lacerado e recortado de golfos, que ficaram separados por terrenos, de formação primitiva, que foram lenta e progressivamente assoriados, ao longo de toda a costa desde Caminha ao Algarve, como ainda hoje está acontecendo. Certificam-no as denominações Géalakia, ou Galácia que em grego, como Laesitania, em latim, significam região dilacerada ou cheia de lagunas. É claro que, desta maneira, aqui e alem, nesta vasta extensão, haviam e hão-de hoje aflorar pontos em que o terreno, pela sua solidez, se podia prestar a servir de base a edificações e á formação de obras. Apenas temos de admitir que, estes pontos, verdadeiras

Pintor francês. — Encontra-se nesta cidade o pintor francês, sr. Raymond Barjard que aqui vem pintar alguns aspectos da ria, a fim de expor no « Salon » de Paris, ainda êste ano.

Dáviva ao Museu. — Foi entregue ha dias, ao sr. dr. Alberto Souto, Director do Museu de Aveiro, um excelente quadro « Costa Nova em festa », obra do illustre pintor Fausto Sampaio, de Anadia. O novo quadro foi adquirido para o museu desta cidade, por subscrição entre várias entidades oficiais de Aveiro.

Pombo correio. — Foi encontrado em casa do sr. Adelino Pinto, ourives, um pombo correio que trazia uma anilha dizendo: 211.823 Portugal, 23.

Estadio Aveirense. — Já ha tempos que a Câmara Municipal e Comissão de Turismo resolveram construir um Estadio para jogos e pistas de corridas de bicicletas, junto do Parque D. Pedro. Embora esta ideia fôsse esquecida durante algum tempo, parece que dentro em breve será uma realidade, visto que o Govêrno Civil, que nisso está tambem interessado, patrocinará este belo melhoramento para a mocidade desportiva.

Dr. Jaime de Magalhães Lima. — Uma comissão popular tomou a louvavel iniciativa de homenagear êste distinto aveirense que não é só um nome illustre no nosso meio, caracter purissimo e espirito superior, porque é tambem um português digno da maior admiração, como escritor notavel e pensador profundo, honrando a sim as letras pátrias.

Para trocar impressões sobre a natureza da homenagem a prestar, que tem de ser condigna de tão alta individualidade, aquela comissão convidou várias pessoas para uma reunião no Montepio Aveirense, que se realizou no dia 16 do corrente, tendo ficado resolvido que essa comissão organisasse o programa e para esse efeito agresse as pessoas que entendesse conveniente.

Essa homenagem tão justa e tão necessária deverá ser imponente e realizar-se-á no próximo mez.

Festa de Santa Joana Princesa. — Realiza-se no dia 13 de Maio a festividade de Santa Joana.

Pelos Estatutos da Irmandade, que da festa se encarrega, deve ela realizar-se no dia 12 de Maio, aniversário da morte da Santa Princesa e quando esse dia não seja domingo, passar-á para o domingo seguinte. Este ano esse domingo é em 13, logo no dia seguinte.

Era desejo da Irmandade fazer uma festa condigna da virtuosa Princesa que encontrou no Convento de Jesus o refugio por que a sua alma religiosa suspirou e nesta terra passou a maior parte da sua vida e aqui morreu. Mas os recursos da Irmandade são pequenissimos e essa festa é dispendiosa. Já o ano passado não poudo realizar-se a procissão por falta de meios para isso. Este ano pensa a Irmandade fazer sair a procissão, mas para isso espera auxilio dos aveirenses que não devem esquecer Aquela que escolheu Aveiro para viver a sua vida de religiosa e que aqui tem os seus despojos encerrados em tumulo precioso, que é admiração de nacionais e estrangeiros. Devia a cidade resolver-se a fazer as suas festas nesta data, como se faz em Coimbra com a Rainha Santa, festas que chamariam aqui muitos forasteiros, animando assim a vida local que só tem a lucrar com isso.

Mas ainda não houve a esse respeito uma resolução formal e uma decisão pronta, como convinha tomar, devido sem duvida ás difficuldades de ordem económica em que se vive hoje em toda a parte.

Modesta, porém, a festa a realizar é um dever da Irmandade fazer-se com o maior brilho dentro dos seus recursos, para não se perder uma tradição que em outros tempos foi brilhante e que hoje parece quasi extinta.

O que resta do culto a Santa Joana? Apenas essa comemoração anual. É muito pouco, mas que esse pouco não se perca. Aos católicos compete fazer reviver esse culto e dar-lhe o maior esplendor possível.